

Antoine Berman e a Tradução como Viagem de Formação*

[Antoine Berman and the Translation as Formation (*Bildung*)]

Mathias Alberto Möller**

Resumo: Antoine Berman é reconhecido por sua contribuição das treze tendências deformadoras para os estudos da tradução. Sua obra principal a esse respeito foi publicada em 1985. Aqui se mostrará como já em seu artigo de 1983: *Bildung et Bildungsroman* Berman irá encontrar no movimento da *Bildung* alemã os traços fundamentais para sua teoria. A formação cultural de saída do homem para o devir humano e a tradução como um de seus agentes principais para tanto manifestam-se, assim, centrais para a proposta de Berman da tradução como albergue do longínquo.
Palavras-chave: Antoine Berman. Filosofia. Tradução. *Bildung*. Formação.

Abstract: Antoine Berman became well known for his contribution to translation studies with his 'thirteen deformation tendencies', recognized as his major work and published in 1985. This article sustains that in 1983, in the text *Bildung et Bildungsroman*, Berman found the fundamentals for his theory in the German *Bildung*. The cultural formation of mankind as the emergence to humankind and the translation as one of its principal agents, therefore, manifests its centrality for Berman's proposal of translation as a shelter of the far-away (*l'auberge du lointain*).

Keywords: Antoine Berman. Philosophy. Translation. *Bildung*. Formation.

*O texto ora apresentado é resultado do profícuo curso de *Ética e Filosofia Política Moderna* intitulado "Atenas perdida, Paris ocupada: duas figuras da dialética e a sua questão", ministrado pelo Prof. Dr. Sílvio Rosa Filho na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), no semestre letivo 01/2019.

**Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Mestre em filosofia pela Unifesp. E-mail: mamoeller@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7137-8674>.

A tradução [...] é, na sua essência, animada pelo desejo de abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua.
(BERMAN, 2007, p. 69)

Atualmente a tradução parece ocupar um lugar secundário e de pouco prestígio na sociedade e mesmo no meio científico. Para o movimento da *Bildung* alemã, no entanto, a tradução ocupava um papel central no movimento de formação e era agente principal de realização da cultura no devir humano.

Segundo Antoine Berman: "o domínio da tradução é e sempre foi o centro de uma curiosa contradição". Para ele, a aparente distância não só temporal como também cultural da *Bildung* é, ao contrário, parte do movimento de 'albergue do longínquo' no presente e as estruturas de pensamento do mundo então vividas ainda hoje integram o modo como nos tornamos humanos.

O próprio conceito de *formação* nos mostra quão profunda é a mudança espiritual que, por um lado, nos permite parecer contemporâneos ao tempo de Goethe e, por outro, considerar aquela época como um passado histórico. Conceitos e palavras decisivas para o pensamento contemporâneo, com efeito, foram cunhados naquele tempo, sendo, portanto, partícipes do esforço de autocompreensão daquele que "não quer se deixar levar pela linguagem" (GADAMER, 2014, p. 44).

No campo da teoria da tradução, Antoine Berman é reconhecido por sua contribuição das treze tendências deformadoras para os estudos da tradução. Sua obra principal a esse respeito, "A tradução e a letra, ou, o albergue do longínquo" (BERMAN, 2007), foi publicada em 1985. Aqui se mostrará como já em seu artigo de 1983, *Bildung et Bildungsroman*, Berman irá encontrar no movimento da *Bildung* alemã os traços fundamentais para sua teoria. A formação cultural de saída do homem para o devir humano e a tradução como um de seus agentes principais para tanto manifestam-se, assim, centrais para a proposta de Berman da tradução como albergue do longínquo.

Teoria e Tradução

Atos de tradução aumentam nossos recursos; somos levados a incorporar energias alternativas e novas sensibilidades. (STEINER, 2005, p. 320)

Para Georg Steiner a todo momento estamos 'traduzindo'. Um dos marcos da história dos estudos da tradução, e a quem Berman reconhece sua importância ainda que discorde de suas conclusões, Steiner sustentará que "em todos os momentos em que falamos ou recebemos signos em nossa língua" estamos 'traduzindo'. Certamente, dirá Steiner, "a tradução entre línguas diferentes é uma implementação particular de uma configuração e modelo fundamentais do dizer humano." Afinal, "cada língua mapeia o mundo diferentemente." Será com seu livro 'Depois de Babel' que ele buscará, portanto, postular que: "a tradução está formal e pragmaticamente implícita em cada ato de comunicação, na emissão e na recepção de cada um e de todos os modos de significar". Contudo, para Steiner, compreender seria decifrar, mas "alcançar a significação é traduzir" (STEINER, 2005).

O campo de estudos da tradução dispõe entretanto de diversas concepções distintas de 'tradução'¹, uma delas sendo a 'tradutologia' de Antoine Berman². Iluminador a esse respeito é o texto do próprio Berman: "A tradução e seus discursos", no qual realiza quase um resumo de seus conceitos fundamentais. Nele Berman retoma os discursos que tratam da tradução no ocidente, aponta suas limitações e apresenta sua nova abordagem. Tratado pela teoria da tradução como representante da linha hermenêutico-filosófica (da tradução como arte)³, Berman tem, com efeito, uma abordagem de caráter mais especulativo a respeito da tradução. Sua reconhecida maior contribuição para o campo foram suas tendências 'de-formadoras' da tradução e sua obra principal, "A tradução e a Letra" (2007), foi primeiramente publicada no ano de 1985 sob o título: *La traduction et la lettre ou l'aubergue du lointain*. Não por acaso, portanto, que Berman terá como ponto nevrálgico de sua teoria o conceito de 'formação'

¹Uma breve exposição de referência sobre o assunto pode ser encontrada em: OUSTINOFF, Michaël. *Tradução: História, teorias e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

²Vide BERMAN (2009, p. 347), a tradutologia como discurso que faz uso do elemento da reflexividade no ato da tradução, i.e., a retomada reflexiva da experiência que é a tradução e não uma teoria que viria a descrever e regê-la. Conforme propriamente sustenta, a tradutologia continua o discurso tradicional no próprio ponto em que ele se interrompe, ou seja, no limiar da sistematicidade; ela se insere na marca da discórdia no discurso tradicional sobre a tradução entre o 'partido da letra' e o 'partido do sentido'.

³Movimento classificado como poética da tradução (OUSTINOFF, 2013, p. 61) e tributário dos pensadores Humboldt, Benjamin, Heidegger (citando alguns de seus principais representantes). Contemporaneamente, seu principal expoente é Henri Meschonnic, cuja obra teria emprestado nome ao movimento: "A poética do traduzir".

(*Bildung*), tendo expressado sua recepção seminal do conceito em seu artigo de 1983 (*Bildung et Bildungsroman*), aqui por isso tomado como objeto de reflexão.

Berman irá evocar treze tendências ou manifestações da deformação (BERMAN, 2007, pp. 45-62), mas reconhecerá que poderá haver outras. Para a teoria da tradução essas manifestações evocadas por Berman ficaram conhecidas como 'as treze tendências deformadoras'. Em sua obra, que propriamente considerou ser sua analítica da tradução literária⁴, Berman irá expor essas tendências como um "sistema de deformação dos textos – da letra – que opera em toda tradução, e impede-lhe de atingir seu verdadeiro objetivo" (BERMAN, 2007, p. 45). A análise do "sistema de deformação" que interessa a Berman, assim ele o sustenta, ocorre em uma operação de duplo sentido; i) um sentido cartesiano da análise; assim como em ii) seu sentido psicanalítico, visto que as deformações ocorreriam, a seu ver, tanto nas operações conscientes das traduções como nas inconscientes (ibidem, p. 45). As 'tendências deformadoras' seriam, assim, um "leque de tendências, de *forças* que desviam a tradução de seu verdadeiro objetivo." (Ibidem, grifo do autor)

Na relação com acolhimento do outro que constitui o próprio 'si', a tendência de deformação que, segundo Berman, agruparia a maioria das tendências é a homogeneização, a qual unifica todo o plano do tecido original do texto de modo a promover uma homogênea domesticação ou um exotismo da alteridade, produzindo, assim, uma imagem estereotipada ou até mesmo um estranhamento como termo exótico desconhecido. (Ibidem, p. 55) Esse jogo de forças, sustentará Berman, levaria à deformação sistemática da tradução, "cujo fim é a destruição [...] da letra dos originais" (Ibidem, p. 48). Enfim, um 'jogo de forças' ao qual todo tradutor estaria sujeito (Ibidem, p. 45). Contudo, afirmará Berman (2007) retomando "a bela expressão de um trovador", a tradução é "na sua essência, o albergue do longínquo", pois abre e recebe o estrangeiro. Traduzir é mais que comunicar, é uma manifestação original no seu próprio espaço de língua; é acolher o estrangeiro. (Ibidem, p. 69).

De modo avesso, verifica-se como Berman já em seu texto de 1983 anunciava a sua novidade e manifestação original. E foi no movimento da *Bildung* alemã, mais especificamente em Hölderlin, que ele encontrou o que compre-

⁴Berman compreende por 'tradução literária' toda a "'prosa literária' (romance, ensaio, cartas etc.)". (op. cit. p. 46).

endeu ser a 'prova do estrangeiro' (*épreuve de l'Étranger*)⁵ e a tradução como acolhimento do outro (o outro que é próprio) – a experiência do estrangeiro e a formação de si por meio da prova de alteridade. (BERMAN, 1983. p. 153) Afirmará Berman: "a *Bildung* é a experiência da alteridade do mundo: para acessar a si mesmo"⁶.

No entanto, consoante apresentará Berman na conclusão de seu artigo de 1983, enquanto atualmente a cultura (tradicional) estaria abalada pelo furacão da modernidade (i.e. o expansionismo do espírito nietzscheano (BERMAN, 1983, p. 157)⁷ a *Bildung* se apresenta como pertencente a um mundo longínquo (*monde lointain*) e o acolhimento desse outro seria o seu albergue (Ibidem, p. 158) – um outro não inteiramente outro. Em sua obra maior, Berman (2007) dirá a esse respeito que se trata de uma "Ética da Tradução", uma escolha ética para e no ato de traduzir. Esse "ato ético" consistiria propriamente "em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro" no agir do tradutor. Segundo afirma, uma "cultura [...] só se torna realmente uma cultura [...] se for regida – pelo menos em parte - por essa escolha." (op. cit. p. 68)

Bildung e Bildungsroman

Somente mediante formação o homem, que o é inteiramente, se tornará humano em toda parte e será imbuído de humanidade.

(SCHLEGEL, 1997, p. 153 - Fragmento 65)

Em seu texto *Bildung et Bildungsroman* (BERMAN, 1983, pp. 141-159), Antoine Berman percorre diversas concepções de *Bildung* ao passo que propõe cinco etapas da formação do homem enquanto humano. Seriam cinco conceitos que orientam o pensar sobre a própria ideia de 'formação'. A *Bildung* como: i) trabalho; ii) viagem; iii) tradução; iv) filologia; e v) retorno aos clássicos. Conceitos estes aos quais teríamos que nos ater para pensar as etapas da formação

⁵Ver BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauro: EDUSC, 2002. Primeira publicação em 1984.

⁶(Ibidem, p. 147, tradução livre própria). No original francês lê-se: "la Bildung est l'expérience de l'altérité du monde: pour accéder à lui-même".

⁷Sobre a terminologia nietzscheana ou nietzschiana ver o Capítulo 3 de DIAS, Geraldo. *A Recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2019. p. 62 ss.

do humano.

Bildung, por muitos traduzido do alemão para formação, poderia aqui figurar como um tipo de intraduzível de Barbara Cassin (2004) (i.e., um termo que não cessa de ser traduzido); ou, como para o próprio Berman, trabalho de tradução⁸. No Brasil, já se formou uma certa tradição de recorrer à *Bildung* como formação, tal como o recebem Antônio Cândido, Celso Furtado, Caio Prado Jr. e tantos outros – um processo pelo qual uma nação se constitui. Para o texto em voga, denota-se que *Bildung* é traduzido por Berman como 'formação cultural', aplicando esses dois termos por vezes separadamente como sinônimos.

Berman (1983), sustentando-se fortemente em Gadamer⁹, apresentará o conceito de *Bildung* como um dos conceitos centrais da cultura alemã. Na esteira da Paideia grega, o movimento da *Bildung* promoveu uma profunda transformação cultural pela qual perpassou o século de Goethe e fez dele nosso contemporâneo.

Em sua obra maior, por sua vez, Berman afirmará que naquele tempo de Goethe e Humboldt, o ato de traduzir era "considerado como um dos momentos fundamentais da constituição da cultura, da '*Bildung*'"; e que "nenhuma cultura 'nacional' é possível sem a passagem pelo estrangeiro" (BERMAN, 2007, p. 78).

Lá será Hölderlin, sobretudo com a tradução de Antígona de Sófocles, a manifestação do exemplo de uma tradução que se apresenta como "uma passagem pelo estrangeiro formador" (Ibidem, grifo do autor) – a tradução como manifestação –; quando, segundo defendia Humboldt, o texto traduzido: "deve parecer 'estrangeiro', *fremdes*, mas sem produzir uma impressão de 'estranhamento', *Fremdheit*", princípio que regeu as principais traduções alemãs do início do século dezenove (op. cit., p. 72, grifo do autor).

Hölderlin, no entanto, consoante o exposto por BERMAN (2007), vai além desse que se mostrou o axioma da teoria romântica da tradução, forçando os limites estabelecidos por Humboldt e revolucionando a filosofia da tradução alemã. Foi apenas no século 20, contudo, assim mostrará Berman (BERMAN,

⁸(BERMAN, 2009, p. 351). Dirá Berman, "'Babel' é e será o destino da tradução" (loc.cit.).

⁹GADAMER, Hans-Georg. *Method and Truth*. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1960. Para as referências aqui recorridas, optou-se pela tradução oferecida em: GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Vozes e EUSF, 2014.

2007, p. 78), que Hölderlin seria reconhecido em seu feito como uma das maiores traduções da tradição alemã e de toda a história ocidental. Uma tradução que fez o texto antigo se tornar contemporâneo.

Em "A prova do estrangeiro", de 1984, Berman tem já no título de sua obra a marca de Hölderlin e dedicará o capítulo 11 inteiramente à singularidade da tradução de Hölderlin. A expressão de Hölderlin será por Heidegger, a propósito do poema 'Memória', trazida como sendo a dual prova do estrangeiro e o aprendizado do próprio. As traduções de Hölderlin são, assim, históricas porque habitam um lugar no qual as línguas e as culturas se delimitam (BERMAN, 2002, p. 306). Ele teria realizado a *Verdeutschung* ('alemanização') de Antígona, por exemplo, porque nela ocorre uma relação mestiçante-diferenciante com a língua e a obra estrangeiras; ao mesmo tempo enraizadas em uma tradição e constituidora de um cenário moderno – um ato cultural criador (BERMAN, 2002, p. 307).

Em "A tradução e a letra", de 1985, há novamente um capítulo inteiramente dedicado a Hölderlin. Nele restará mais acabada a importância de Hölderlin, especialmente pela tradução de Antígona, para o desenvolvimento da teoria de Berman. Para ele, Hölderlin revoluciona a filosofia da tradução estabelecida pelo movimento da *Bildung*. Se antes o axioma das traduções era de buscar restituir de modo mais fiel possível todas as particularidades do original, Hölderlin se permite modificar o texto e pôr em questão toda a passagem pelo estrangeiro para atingir o próprio do movimento circular da *Bildung*, imprimindo, assim, ao movimento circular da *Bildung* o seu "ritmo dialético" e a "função humanista da tradução" (BERMAN, 2007, p. 79).

Segundo mostrará Berman, Hölderlin opõe dois movimentos de tradução internamente integrados, a prova do estrangeiro e a aprendizagem do próprio, os quais impõem esse ritmo dialético à *Bildung*; seu movimento circular de conhecimento do outro enquanto outro (BERMAN, 2007, p. 95); a passagem do 'próprio-estrangeiro-próprio' (BERMAN, 2007, p. 78). Assim, a tarefa do tradutor Hölderlin é impensável sem sua 'teoria especulativa' da tragédia e a passagem pela tradução (BERMAN, 2007, p. 79) com o processo que Berman denominou de 'teoria da apropriação' (*Zueignung*), o tornar próprio (BERMAN, 2002, p. 84). É por meio da alienação de si que a relação consigo mesmo é tornada possível (BERMAN, 2002, p. 63); a prova do estrangeiro ocorre dialeticamente com a aprendizagem do próprio, "cada um desses movimentos corrigindo o que o outro pode ter de excessivo" (BERMAN, 2007, p.

79). Enfim, é por isso que a "relação com o estrangeiro é constitutiva de nossa identidade" (BERMAN, 2002, p. 63); é fazer a experiência do que não se é para conhecer o que se é (o próprio) (BERMAN, 2002, p. 82); percorrer o "desterro que repatria" (BEAUFRET apud BERMAN, 2007, p. 88). A tradução com Hölderlin conseguiu então, "restabelecer a força falante do grego pela força falante do alemão"; manifestando o tom básico da obra (*Grundton*). (BERMAN, 2007, pp. 81-82)

Aqui, com efeito, a *Bildung* é interposta em cinco conceitos ou etapas da formação cultural humana – não necessariamente em uma sequência lógica. São elas: i) a *Bildung* como trabalho: consoante a dialética do senhor e do escravo de Hegel, o trabalho é o modo pelo qual a consciência escrava se torna livre, e a formação (*Bildung*) do indivíduo não-formado (*ungebildet*) é a elevação do particular ao universal. *Bildung* "é o acesso do 'particular' ao 'universal'". (BERMAN, 1983, p. 141) ii) *Bildung* como viagem (*Reise*): ou a 'gran tour' de lançar o 'si mesmo' em um périplo movimento de tornar-se 'outro' pela experiência da alteridade no mundo e com isso 'tornar-se a si mesmo'. (Ibid., pp. 147-148) iii) *Bildung* como tradução (*translation*): ou a prova do estrangeiro ao colocar-se para além de si mesmo na tradução (*Übersetzung*). (Ibid., p. 148) iv) *Bildung* como viagem à Antiguidade: ou a necessidade de retorno aos 'anciãos'. (Ibid., p. 150) E, por fim, a quinta etapa (ou conceito): v) *Bildung* como e por meio da filologia¹⁰ enquanto possibilidade de retorno aos clássicos. (Ibidem) Em tempo que a tradução como 'viagem' é já tão explorada na teoria da tradução, a própria 'tradução' passa a ser tematizada e colocada por Berman como 'viagem de formação'. A "tradução é literalmente *Bildung*" (BERMAN, 2002, p. 195, grifo do autor).

Tradução e formação

O tradutor invade, extorque e traz para casa.
(STEINER, 2005. p. 319)

Conforme destacado, foi no movimento da *Bildung* alemã que Berman encontrou a 'prova do estrangeiro' e a tradução representou para ele o movimento formador de acolhimento da alteridade longínqua, a base para a sua teoria sobre as deformações da tradução. Com o alastramento da crise da modernidade,

¹⁰Em Berman (1983, p. 150), a filologia é compreendida em sua acepção mais simples: o estudo de textos e línguas antigas, o que assume um papel primordial para a formação.

e com ela a da cultura, a *Bildung* teria ela mesma se tornado algo longínquo, ainda assim fundamental no albergue do que é longínquo.

Ora, para Berman a *Bildung* designa a intimidade do processo da cultura, da formação. E assim, perpassando pelos diversos expoentes da linha hermenêutico-filosófica da tradução, para Berman todos os grandes pensadores alemães do fim do século dezoito teriam se esforçado a fornecer interpretações da essência desse processo de formação (BERMAN, 1983, p. 143). De modo que a *Bildung* continua sendo a experiência do outro (*l'Autre*), experiência pela qual o 'si mesmo' (*le Mêmes*) se reencontra ao final de um trajeto que constitui a sua história. Metaforicamente, trata-se de uma formulação especulativa para descrever o processo pelo qual a criança se torna adulta (BERMAN, 1983, p. 140), o que seria designado com o emprego do termo *Bildung*. Em "A prova do estrangeiro" essa mesma metáfora da "criança que deve se tornar homem" reaparece para ilustrar enquanto vertente concreta das formulações abstratas sobre a *Bildung* enquanto processo de tomar uma forma própria. (BERMAN, 2002, p. 80)

Ao mesmo tempo, a *Bildung* é caracterizada como uma viagem (*Reise*), cuja essência é a de lançar o si mesmo em um movimento que o faz se tornar um outro que é ele mesmo enriquecido da experiência transformadora do mundo. É necessário que a jovem inglesa viaje pelos quatro continentes da humanidade, mas não para aparar as arestas de sua individualidade. Antes para ampliar a sua visão, dar-se a seu espírito mais liberdade e pluralidade interna (NOVALIS apud BERMAN, 1983, p. 148). Caracterização esta representada pelo romance de formação (*Bildungsroman*), que é a experiência do aparente estranho no mundo e do aparente estranho em si mesmo feita pelo próprio protagonista do romance. Em 'O albergue do longínquo', Berman irá se referir a esse processo formador como sendo "o movimento circular da *Bildung*" (BERMAN, 2007, p. 79).

A natureza circular, cíclica e alternada da *Bildung*, de ser ao mesmo tempo um progresso e um retorno, pode ser definida como uma translação, uma *Übersetzung*: por si e para além de si mesmo. 'Übersetzung', em alemão, é antes de tudo 'tradução'. (BERMAN, 1983, p. 148) Não é por menos que para a cultura alemã do fim do século dezoito a tradução exercia um papel tão importante, essencial até.¹¹ Isso porque a *Bildung* se define, especulativa e praticamente,

¹¹Fato que, segundo registra a nota de Berman, teria levado Schleiermacher a afirmar que na tradução haveria um verdadeiro destino da 'germanidade'.

como uma certa prova do estrangeiro e a tradução pode e deve assim se manifestar como um dos agentes principais da formação. (BERMAN, 1983, p. 149) Nesse sentido que os primeiros anos do século dezanove foram anos de apogeu da filologia, do orientalismo, da pesquisa comparada, dos estudos de línguas, da ciência do folclore, dos grandes dicionários, da crítica literária e artística. Em todas essas translações é o espírito da *Bildung* que se afirma. (Ibidem)

Como uma possível ilustração desse processo de formação da tradução, figuram mesmo os registros biográficos¹² de Georg Friedrich Wilhelm Hegel (referência quase inaudita ainda que latente nos conceitos de formação do humano apresentado por Berman¹³), retomados por alguns como certa prática de resistência, fazem remontar os escolares de nosso tempo a tarefas tomadas como excêntricas para muitos brasileiros. Práticas de tradução na educação básica daquele tempo que conduziam os jovens ao processo formativo ao qual Berman se refere em seu texto. Produzia-se um diálogo imaginário¹⁴ próprio na língua vernácula, o alemão. Este texto, após breve repouso temporal, era então traduzido para uma língua clássica, o latim. Após renovado repouso de algumas semanas, a primeira tradução era então traduzida para outra língua clássica mais remota temporalmente, o grego. Os três textos deviam então repousar por um tempo mais longo para então traduzir-se do grego de volta para o alemão. Ao final, o texto inicial e o final ao lado das passagens tradutórias eram comparados e medidos frente à frente: alemão, latim, grego e novamente o alemão (próprio-estrangeiro-próprio); todos escritos pelo mesmo autor estudante em formação.

Conclusão

O trabalho do pensamento aqui representado manifesta a importância do conceito da *Bildung* alemã na construção da proposta teórica de Antoine Berman

¹²Cf. ROSENKRANZ, Karl. *Georg Wilhelm Friedrich Hegels Leben*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963. Cf. também: ALTHAUS, Horst. *Hegel und die heurische Jahre der Philosophie: Eine Biographie*. München: Carl Hanser Verlag, 1992.

¹³Atestam esta leitura a sua recepção da identidade na alteridade e sua recepção de tradução como "manifestação" (o que até nomeou de "manifestação da manifestação").

¹⁴Ver a esse respeito a apresentação de Ari Simhon de *Das Leben Jesu* de Hegel e o excerto *Entretien à trois*, que resgata o diálogo escrito com quinze anos por Hegel em 1785 como atividade para a escola (o *Gymnasium* de Stuttgart). O diálogo põe em cena Antônio, Lépido e Otávio e as conspirações pelo *triumvirato* logo após o assassinato de Júlio César. In: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *La vie de Jésus précédé de dissertations et fragments de l'époque de Stuttgart et de Tübingen*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2009. Cf. os exercícios de retórica registrados por FISCHER, Kuno. *Hegel's Leben, Werke Und Lehre*. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1901. p. 5-6.

de tradução como albergue do longínquo. Enquanto o movimento da *Bildung* alemã reconhecia na tradução um dos agentes centrais na formação humana, a contemporaneidade desvaloriza a tradução. Lawrence Venuti, em seu recentemente para o português traduzido livro: "Escândalos da tradução: por uma ética da diferença", irá enfatizar esse desprestígio dispensado à tradução. Para ele: "a tradução é estigmatizada como uma forma de escrita, desencorajada pela lei dos direitos autorais, depreciada pela academia, explorada pelas editoras e empresas, organizações governamentais e religiosas". Sua arguição é em defesa da tradução como objeto de desprestígio por propiciar a revelação e o questionamento das relações de dominação e de autoridade.¹⁵

No processo de formação, de exercício indispensável para a *Bildung*, o ato de traduzir se constitui como tradução formativa, ao mesmo tempo um diálogo com a tradição e uma medida das posições assumidas no processo de tradução, seus equívocos, acertos, fidelidades e traições; ainda assim, um texto com sua própria voz – a voz em formação. Tal processo levaria o autor também a perceber a si mesmo e o modo como sua expressividade é cultivada inclusive em sua língua vernácula.

Assim, Berman defenderá que a *Bildung* não é coisa do passado, pois a formação cultural não trata de trazer o oriente até nós (nacionalizar), nem de nos levar até ele (orientalizar); e, sim, conforme mostrará Berman por meio do caso de Pierre Clastres, traduzir os guaranis é "os traduzir em guarani", ou seja, trata-se de "nos traduzir por meio deles" (BERMAN, 1983, p. 158)¹⁶. O ato de traduzir, portanto, se apresenta como um exercício indispensável sem o qual não há formação.

Por fim, a epígrafe de abertura destas colocações se reapresenta como desfecho, tanto para a referência de Berman a Hegel quanto para o seu próprio texto de 1983. Percebemos, portanto, com Steiner, que "atos de tradução aumentam nossos recursos", pois com eles somos levados a incorporar uma alteridade que nos é própria. A formação da própria 'voz' por meio da tradução. No entanto, haveria aí uma ressalva interposta por Steiner, apresentada agora com a sequência da mesma epígrafe inicial:

¹⁵Tradução lançada em 2019 pela Editora Unesp de VENUTI, Lawrence. *The scandals of translation: towards an ethics of difference*. New York: Routledge, 1999.

¹⁶Veja também BERMAN (2002, p. 319), quando citará o mesmo caso de Clastres em que a "escritura etnológica deva se tornar eventualmente (e essencialmente) uma tradução".

Atos de tradução aumentam nossos recursos [...]. No entanto, podemos ser dominados ou mutilados pelo que importamos. Há tradutores cuja fonte de criação original, pessoal, seca. [...]. Escritores abandonaram a tradução, algumas vezes tarde demais, em razão de a voz absorvida do texto estrangeiro ter sufocado sua própria voz. (STEINER, 2005, p. 320)

Berman, que reconhece a importância da obra de Steiner mas discorda de suas conclusões, mostrará com o exemplo de Hölderlin como ele teria sido sufocado pela loucura no fulcro de seu intento; que haveria, pois, um laço entre a radicalidade das traduções de Hölderlin e seu desmoronamento. Para ele, Hölderlin teria, sim, incorrido no que Walter Benjamin anunciara como "imenso perigo (..) de que as portas de uma linguagem tão ampliada e tão dominada recaiam e aprisionem o tradutor no silêncio" (BENJAMIN apud BERMAN, 2002, p. 282). No entanto, Berman reconhecerá, com Hölderlin, que há uma dimensão dupla e simultânea no perigo: tanto o estrangeiro pode aniquilar o próprio, caso se aproxime demais, quanto a pátria, o próprio, poderá encobrir o estrangeiro de um devassamento. Nos dois casos, dirá, há perigo de "uma queda no puro Indiferenciado". (BERMAN, 2002, p. 293).

De modo que a "ameaça perpétua [...] da perda de identidade própria" é risco imanente da alienação, mas "é por essa alienação, no sentido mais estrito do termo, que uma relação consigo se torna possível." (BERMAN, 2002, p. 63, grifo do autor) Os dois movimentos são inseparáveis e a tarefa do tradutor poeta seria de provar o estrangeiro protegendo a pátria, inclusive de suas próprias mazelas, e com o aprendizado da pátria se proteger da dominação do estrangeiro, e do silêncio. (Ibidem, p. 295) Tal como realizou Hölderlin, trata-se de "restabelecer a força falante do grego pela força falante do alemão". (BERMAN, 2007, p. 81)

O movimento da experiência seria propriamente a prática do diálogo entre as linguagens e "a tradução torna-se [...] o encontro – choque e fusão – [...]", pois "a prova da língua estrangeira" passa "pelo aprendizado da língua natal" (BERMAN, 2002, p. 297), permite encontrar toda a força falante das palavras nativas. (BERMAN, 2002, p. 300) É a tradução como instrumento da constituição da universalidade na singularidade (BERMAN, 2002, p. 32): essa é a "essência da tradução. Ela é relação ou não é nada". (BERMAN, 2002, p. 17) Contudo, para Berman, a tradução parte da experiência do outro e se manifesta como uma experimentação individual e "não pode, em hipótese alguma,

se transformar em modelo ou em receita metodológica"; e nessa medida ela é singular universalidade.

Referências

- BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Trad. Maria Emília Pereira Charut. Bauru: EDUSC, 2002.
- _____. *A tradução e a Letra, ou, O albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- _____. *A tradução e seus discursos*. Trad. Marlova Aseff. Alea, Vol. 11, n° 2, Jul-Dez, p. 341-353, 2009.
- _____. *Bildung et Bildungsroman*. In: *Le temps de la réflexion*, Vol 4. Paris: Gallimard, 1983. p. 141-159.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 14ª ed. Trad. Flávio Paulo Meurer; revisão de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.
- OUSTINOFF, Michaël. *Tradução: História, teorias e métodos*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- STEINER, Georg. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. 3ª ed. Trad. Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

Recebido: 29/03/2022

Aprovado: 10/04/2022

Publicado: 30/04/2022

